

A PERSPECTIVA DO EMBATE MESSIAS VERSUS SATANÁS

Rafael Lazarini de Lima¹

RESUMO:

A matriz cultural apresentada no cristianismo primitivo seria o encontro helênico-semítico, diante disso há uma verdade incontestável: Messias (Jesus) e Satanás estão em guerra aberta. Essa cosmovisão é herdada por Jesus e os apóstolos, a ideia da lei como explicação da Teodiceia seria um contraponto, assim o mal personificado é o que destrói a vida das pessoas, e por esse motivo ele deve ser combatido. Por esse motivo os escritos elaborados pelas comunidades cristãs primitivas retratam tantas vezes esse embate, sempre com a vitória de Jesus sobre os demônios.

Palavras-Chave: Satanás, Messias, dualismo, mito do combate.

Abstract: The cultural matrix presented in early Christianity would be the Hellenistic - Jewish encounter, before that there is an undeniable truth : Messiah (Jesus) and Satan are in open war . This worldview is inherited by Jesus and the apostles , the idea of law as the Theodicy explanation would be a counterpoint , so the personified evil is what destroys people's lives , and therefore it must be fought. For this reason the writings produced by the early Christian communities so often portray this struggle , always with the victory of Jesus over demons.

Keywords : Satan , Messiah , dualism , combat myth.

2. O DOMÍNIO DA CRENÇA EM DEMÔNIOS

Estudos mostram que a imaginação popular atribui ao mal tudo aquilo que esta fora da compreensão humana e distante de alguma explicação lógica, construindo figuras e ícones que representem o demoníaco. A ideia do mal têm suas variantes conforme o momento histórico, o contexto sócio-econômico-político-cultural do local,

¹ Graduando em Teologia – FABAT. <http://lattes.cnpq.br/3380882689706657>

cosmovisão do povo e a identidade do grupo social. Esses ícones concebidos pela imaginação popular podem ter um papel intrínseco à raça humana.

No mundo antigo, as pessoas olhavam para o universo e imaginavam habitado por seres invisíveis que, embora transcendentais no sentido da impossibilidade (via de regra) de serem vistos ou tocados, sua presença interferia no mundo e na vida visível dos seres humanos. Elaine Pagels, “os antigos egípcios, gregos e romanos imaginavam deuses, deusas e seres espirituais de diversos tipos, enquanto alguns judeus e cristãos, monoteístas ostensivos, falavam cada vez mais em anjos, mensageiros celestiais de Deus, e alguns até em anjos decaídos e demônios”.²

No Primeiro Testamento encontramos indícios de fé em espíritos. Elaine Pagels ressalta: “a conversão do paganismo judaísmo ou ao cristianismo implicava, acima de tudo, transformar a maneira como indivíduo encarava o mundo invisível.”³

A história da religião vem assim, colecionando crenças acerca do mal, vendo seres celestiais e demoníacos no rastro dos seres humanos, buscando possuí-los ou oprimi-los. As Pseudo-Clementinas⁴, dizia que os demônios ardem em desejos de entrar nos corpos, porque, não obstante sejam espíritos, desejam comer, beber, ter relações sexuais. Por isso se introduzem nos corpos dos homens para ter aqueles órgãos dos quais precisam para seus objetivos (cf. Pseudo-Clementinas, IX, 10, PG, 2,248).

Para Pagels as descrições de anjos e anjos decaídos na tradição judaico-cristã sinalizam para um interesse particular sobre o mundo dos relacionamentos humanos. Para ela, os “Evangélicos são sobre amor, mas desde que a história que contam envolve traição e assassinato, incluem também elementos de hostilidade que evocam imagens demoníacas.”⁵ No Evangelho de Marcos, o ministério de Jesus é especificado com uma luta infindável entre o Messias e os demônios que, parecem, pertencerem ao “reino” de Satanás (cf. Mc 3.23-27). Os cristãos para afirmar sua identificação com Deus demonizavam seus adversários, poderiam ser judeus, pagãos ou difamadores de cristãos, aos quais eram nominados hereges. Pagels, vê isso como: “tendência universal de considerar o próprio povo como humano e ‘desumanizar’ os outros povos.”⁶

²PAGELS, Elaine. As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 14.

³*Idem.*

⁴ Texto judaico-cristão do 2º Século.

⁵PAGELS, Elaine. *Op. Cit.* p. 15.

⁶ PAGELS, Elaine. *Op. Cit.* p. 17.

3. O DUALISMO DO NOVO TESTAMENTO: CRISTO VERSUS DIABO

No Segundo Testamento, Jesus e seus discípulos contam com a presença de um inimigo implacável Satã, “tramando incessantemente a ruptura da fidelidade ao Senhor e pondo a perder os seus corpos e almas.”⁷ Pagels diz: “os autores dos evangelhos compreenderam que a história que tinham que contar pouco sentido faria sem Satanás.”⁸ O pensamento é que a traição e a consequente morte de Jesus faziam parte de um conflito cósmico, onde a batalha final ainda não iniciou, muito menos vencida.

Aqueles que rejeitam os ensinamentos de Jesus no Evangelho de João são: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos[...].” (Jo 8.44). João em momento algum aborda diretamente exorcismos, mas deixa claro que o “mundo” e os judeus são opositores de Jesus. “O clima apocalíptico típico do começo do I séc. Ainda está presente, embora se expresse em imagens diferentes.”⁹

Segundo os evangelhos sinóticos, na Palestina, no mistério de Jesus terreno, existia uma disseminação demoníaca sem precedentes, o mundo dos evangelistas estava dominado pela crença em demônios. O cenário que evoca uma Guerra cósmica, Jesus é descrito como “um tipo de fazedor de milagres que age com a autoridade de origem divina, mas sem a mediação das formas, rituais e instituições através das quais esse poder divino costuma se manifestar.”¹⁰

O texto da tentação de Jesus na Fonte Q, parece que estar conservado na versão de Lucas¹¹, registrado em Lc 4.1-13 com paralelo em Mt 4.1-11 (Marcos relata um resumo (cf. Mc 1.12-13; João não descreve o relato), este trecho tem relação com a batalha escatológica entre o bem e o mal. Schiavo diz sobre este relato: “Jesus, levado por *Satanás*, contempla seu domínio terrestre e é desafiado a se submeter a ele.”¹²

O Evangelho de Marcos, entre os sinóticos, apresenta um volume maior que os demais referente à atividade exorcista de Jesus. Para o autor do Evangelho de Marcos, Jesus vive em um confronto constante com *Satanás*, simbolizado pela Lei judaica (Mc

⁷NOGUEIRA, Carlos R. F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. Bauru, EDUSC, 2000. p. 26.

⁸PAGELS, Elaine. *Op. Cit.* p. 34.

⁹SCHIAVO, Luigi, 2000. *2000 Demônios na Decápole: Exegese, História, Conflitos e Interpretações de Mc 5.1-20*. São Bernardo do Campo, 1999, Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.p. 78.

¹⁰CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: A vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994. p.192.

¹¹SCHIAVO, Luigi. *A Apocalíptica Judaica e o Surgimento da Cristologia de Exaltação na Narrativa da Tentação de Jesus (Q 4.1-13)*. *Revista Oráculo – número 1*(2005), p.4.

¹²*Idem*.

1.21-28), pelas legiões romanas da Decápoles (5.1-20), pelo preconceito (7.24-30), pela doença (9.14-29), ou pelo templo (11. 15-18).¹³ Em sua visão, os demônios são “espíritos imundos”, os quais tornam “os homens incapazes de entrar em contato com Deus, incompatíveis com a sua natureza” (...) “também podem ser alienantes, apoderando-se do homem, despersonalizando-o, e possuindo-o.”¹⁴

Para o Apóstolo Paulo, Satã domina aqueles que não aceitaram a palavra de Cristo. Ele cega os descrentes para que não vejam a luz do Evangelho (cf. 2Co 4.4). Em Atos Lucas narra como Paulo teria executado a sua tarefa, como lhe foi revelada na visão a caminho de Damasco: “para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, [...]” (cf. At 26.18). Para o Apóstolo Paulo, “Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios” (cf. 1Co 10.20). Na Epístola aos Efésios, apresenta uma guerra de ordem espiritual experimentada pelos cristãos do seu tempo, ao advertir que a luta não era de ordem física, mas “contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6.12).

O Livro do Apocalipse apresenta uma visão intrigante da história mítica, apresentando um forte dualismo radical. Neste livro encontramos, “visões horripilantes e irracionais, invocando imagens proféticas tradicionais de animais e monstros, para caracterizar os poderes de Roma, que identifica com o diabo e Satanás.”¹⁵ No capítulo 12 encontramos o seguinte relato:

Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz. Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono. A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias. Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a

¹³ SCHIAVO, Luigi, 2000.Op. Cit. p. 78.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ PAGELS, Elaine.Op. Cit. p. 153.

autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. (Ap 12.1-11)

Diante desse relato Schiavo diz: “tem-se a visão do céu, o conflito celeste entre anjos e a expulsão para a Terra do Dragão (a Antiga Serpente, o Diabo, Satanás).”¹⁶

Nas literaturas neotestamentária todo o Universo é observado como dividido entre dois reinos: O de Cristo e o do diabo. Enquanto Jesus se vê como o responsável em destruir o reino do mal (diabo), *Satã* tenta de todos os modos impedir que o reino do Cristo seja expandido. Assim, o diabo conta com seus auxiliadores (demônios) que têm como tarefa fazer os homens rejeitarem a Jesus e os afligir com sofrimentos físicos.

O Segundo Testamento manifesta um ambiente de luta. Segundo o Evangelho de João, Jesus diz: “do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.11), apresentando um ar otimista e a certeza da vitória final, certamente gerou um ânimo nos cristãos do primeiro século, pois aos olhos de todos *Satã* e seus exércitos estavam em uma posição de dependência absoluta frente a Deus e de total impotência no enfrentamento com o Messias.”¹⁷ Então, o Segundo Testamento reflete que tudo o que afasta os homens de Deus seria uma manifestação do diabo.

4. POSSESSÃO E ESPÍRITOS IMUNDOS

O grande desafio é entender a concepção sobre o mal que o autor do Evangelho de Marcos tem é o significado que ele pretende ao utilizar o termo *pneuma akátharton* (espírito imundo) ao fenômeno de possessão. O autor “personifica” o mal, quase que sempre, na figura do espírito imundo ao relatar possessões e exorcismos.

Na Bíblia Hebraica, Primeiro Testamento, não é comum a utilização dessa expressão, ela aparece apenas uma vez: “Acontecerá, naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que eliminarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória; e também removerei da terra os profetas e o espírito imundo” (Zc 13.2). A Septuaginta traduziu o termo *to pneuma to akatharton* a expressão hebraica *ruah tame*. A palavra *tame* e seus derivados ocorre 279 vezes, em sua maioria em Levítico e Números, geralmente indicando impureza cerimonial.

¹⁶ SCHIAVO, Luigi, 2000.Op. Cit. p. 81.

¹⁷ NOGUEIRA, Carlos. Op.Cit. p. 27.

Para Bauer *apud* Lazarini nos escritos extracanônicos do judaísmo tardio a definição “demônio” aparece poucas vezes. Esses seres de ordem maléfica são chamados “espíritos” (Jub 10.5,8; 11.5; 19.28; Enoque 15.1-12; 19.1; 1QS 3.24), assim como “espíritos maus” (Jub 10.3,13; 11.4; 12.20; Enoque 15.8; 1QM 15.14), “espíritos impuros” (Enoque 99.7; Jub 10.1), “espíritos de Mastema” (Jub 19.28) ou “espíritos de Beliar” (Test. Iss 7.7; Test. Dã 1.7; Test. José 7.4; 1QM 13.2,4,11; CD 12.2; Test Rúben 2.2).¹⁸ Isso apresenta o pensamento sobre o mal do autor do Evangelho de Marcos que sua concepção está mais ligada a literatura apócrifa e pseudepigráfica do que as expressões recorrentes ao Primeiro Testamento.

5. O MITO DO COMBATE

A salvação no judaísmo tardio está relacionada a figura do Messias. “A espera messiânica é um produto típico da ideologia monárquica, que se funde com a fé judaica na intervenção de Deus na história.”¹⁹ O contexto cultural que está por trás de tudo é o “mito do combate”, essa é uma estrutura simbólica característica do Oriente Médio, em sua batalha escatológica, tem seu ponto culminante com figuras celestiais representantes do bem e do mal.²⁰

Segundo esse mito, as forças cósmicas do bem e do mal estão em um constante combate, sem fim nas regiões celestiais, com desfechos alternados, com a finalidade o domínio da terra. Esse mito tem reflexos climáticos, pois a vida nessas regiões é sempre precária e instável, pois secas ou enchentes podiam destruir plantações e campos. “Essa realidade gera uma necessidade de uma ordem cósmica que salvasse a vida que surge o mito do combate.”²¹

O mito se baseia na ideia de que o cosmo, o céu, a terra, a natureza e a sociedade, tudo teria sido criado e ordenado pelos deuses. Existia forças caóticas (mal) e destrutivas que sempre ameaçavam a ordem primordial. Acreditava-se que a ordem cósmica estabelecida pelos deuses nunca fosse tranquila, por causa das forças caóticas que a qualquer momento poderia desestabilizar a ordem. Esse modelo literário é

¹⁸ LAZARINI NETO, Antonio. *Messias Exorcista: Combate aos Espíritos Imundos e a Estrutura do Evangelho de Marcos (Exegese de Mc 1.21-28)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2006. p. 10.

¹⁹ SCHIAVO, Luigi. *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 85.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem, Ibidem*. p. 86.

encontrado em outras culturas como: sírio-fenício, egípcios, acádios, greco-romanos e judaicos.

Adela Y. Collins, no seu estudo sobre Apocalipse, define o mito do combate como uma estrutura simbólico-literária que “descreve uma batalha entre dois seres divinos e seus aliados para o domínio universal.” Geralmente um dos combatentes é um monstro, ou o dragão, representando as forças caóticas, a esterilidade, a morte; enquanto o oponente é associado à ordem e à fertilidade. Trata-se de uma batalha cósmica, cujo desfecho é a constituição ou abolição da ordem social e/ ou da fertilidade na natureza.²²

O mito do combate é um dos gêneros de maior sobrevivência na literatura antiga, mesmo que se expressa de formas diferentes, na literatura e religião de quase todos os povos do Oriente Próximo. O mito do combate está em três tradições antigas: a egípcia, a mesopotâmica e a indo-europeia²³. A seguir será apresentada as diferentes expressões do mito do combate.

O mito do combate a partir da perspectiva egípcia, no Egito a vida floresce e se desenvolve às margens do rio Nilo, entretanto a maior parte da geografia é desértica, e, as chuvas não são suficientes para agricultura e para vida, por outro lado, poderia se tornar uma maldição, tanto a seca quanto as enchentes poderiam devastar tudo ao seu redor. Esse conflito natural gera o conflito cósmico entre a ordem divina e o caos. O princípio da ordem era nomeado de ma’at (Ra) ²⁴, do outro lado Isfet (Apófis) ²⁵. O conflito entre Ra e Apófis era continua e eterna, com necessidade constante de vitória, senão o sol interromperia seu curso e acabaria com a ordem do mundo. Para ter essa vitória diária sobre Apófis era necessário o culto diário no templo, celebrando a vitória de Ra-Ma’at, garantido pela monarquia. O mito de Seth²⁶ e Osíris²⁷, seria síntese referente da batalha, entre Ra e Apófis. Segundo o mito, Seth assassinou seu irmão,

²² Idem, *Ibidem*. p. 87.

²³ Indo-europeia, sua origem estaria nas tribos indo-arianas que habitavam as vastas estepes da Rússia meridional na segunda metade do terceiro milênio. Delas se originaram os povos: os indo-arianos e os iranianos. Os indo-arianos teriam migrado em direção à vale do rio Indo, provavelmente a partir de 1500 a.E.C. Os iranianos, pelo contrário, teriam se instalado no sul dos Urais (atual Cazaquistão), no Sudeste do atual Irã e no oeste do Afeganistão. Deles teria saído o profeta e sacerdote Zaratustra.

²⁴ Ma’at, significa “base”, de fato, ele era a base do sistema cósmico, jurídico e de todos os aspectos da existência humana, e associava-se ao deus-sol Ra.

²⁵ Isfet, a “falsidade” a “injustiça”, cuja personificação era a gigantesca serpente Apófis, que se assemelhava ao dragão, era o princípio do caos e das trevas, com seu reino no mundo inferior.

²⁶ Seth, deus inquieto e violento, personifica a força física e bruta, a potência sexual, a promiscuidade bissexual, o descontrole, tudo o que era exótico e desconcertante podiam ser associados a ele.

²⁷ Osíris (Ausar em egípcio) era um deus da mitologia egípcia, associado à vegetação e a vida no Além. Oriundo de Busíris, no Baixo Egito, Osíris foi um dos deuses mais populares do Antigo Egito, cujo culto remontava às épocas remotas da história egípcia e que continuou até à era Greco-Romana, quando o Egito perdeu a sua independência política.

Osíris, esquartejou-lhe o corpo e jogou no Nilo, antes do grande Osíris ter um herdeiro, ameaçando assim usurpar a realeza. Contudo, com a intervenção de Ísis ²⁸, irmã e esposa de Osíris, juntou seus membros, Osíris então agora pode ter o tão sonhado herdeiro, Hórus ²⁹ conseguiu dominar e vencer Seth, de agora em diante Hórus se torna o rei da terra. Osíris foi destinado ao domínio do submundo e Seth senhor das regiões fora do mundo ordenado, ou seja, desertos e países estrangeiros. Assim, a ordem foi restabelecida.³⁰

Não diferente do Egito a Mesopotâmia era uma terra desértica e estéril, totalmente dependente das águas dos rios Tigre e Eufrates e da obra de canalização e irrigação. Contudo o perigo das secas e cheias eram presentes na Mesopotâmia, mas não era apenas o perigo da “desordem” natural, pois essa região foi palco de inúmeras guerras que traziam insegurança ao povo. Diante desse contexto de conflito e de continua insegurança, o povo mesopotâmico desenvolve sua cosmovisão:

O mundo consistia na terra, imaginado como uma travessa plana com a borda corrugada de montanhas e sustentada pela atmosfera, com corpos astrais movendo-se ao longo dela; abaixo da terra, uma massa de água doce, chamada abzu ou apsu (de onde de originou a palavra “abismo”); e, ainda mais para baixo, sob o abzu, havia outro hemisfério, o mundo inferior, onde viviam os espíritos dos mortos.³¹

A instabilidade entre céu e terra é expresso no mito do combate. Há diversos mitos no combate cosmogônico. O mais significativo e famoso está no Enuma elish, que descreve os feitos de Marduk ³², deus da babilônia, no tempo do rei Hammurabi ³³.

²⁸Ísis (egípcio "Aset" ou "Iset") é uma deusa da mitologia egípcia, cuja adoração se estendeu por todas as partes do mundo greco-romano, e posteriormente, do mundo. É cultuada como modelo da mãe e da esposa ideais, protetora da natureza e da magia. É a amiga dos escravos, pescadores, artesãos, oprimidos, assim como a que escutava as preces dos opulentos, das donzelas, aristocratas e governantes. Ísis é a deusa da maternidade e da fertilidade.

²⁹Hórus, na mitologia egípcia (ou *Heru-sa-Aset*, *Her'ur*, *Hrw*, *Hr* ou *Hor-Hekenu*) é o deus dos céus, muito embora sua concepção tenha ocorrido após a morte de Osíris. Hórus era filho de Osíris.

³⁰ COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: as Origens das Crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.. p. 15 – 50.

³¹ COHN, Norman. Op. Cit. p. 53.

³²Marduk, no sumérico “bezerro do deus sol”, filho de Euki ou Ea, senhor das águas subterrâneas, é o vigoroso e jovem deus da tempestade, que coloca tudo em movimento e assegura que esse movimento, do qual dependem as estações e os ciclos vitais, prossiga ininterrupto.

³³Hammurabi (também são usadas as transcrições Hammu-rapi ou Khammurabi) (foi destronado 1810 a.C. a 1750 a.C.), foi um rei babilônico do século XVIII a.C., Conseguiu, durante o seu reinado, conquistar a Suméria e a Arcádia, tornando-se o primeiro rei do Império Paleobabilônico. Hamurabi reinou de 1792 a.C. até sua morte, em 1750 a.C., tendo ampliado a hegemonia da Babilônia por quase toda a Mesopotâmia, iniciando pela dominação do Sul, tomando Ur e Isin do rei de Larsa. Em 1762 a.C. conquistou Larsa, em 1758 a.C. tomou Mari, em 1755 a.C. Echununa e provavelmente em 1754 a.C. conquistou Assur.

Marduk vencendo Tiamat ³⁴, ele se torna o rei dos deuses do céu e da terra, trazendo condições de ordem e harmonia durável, defendida e administrada por si mesmo. A batalha é eterna, pois as águas cobrem a maior parte da terra. ³⁵

Apesar da pesquisa em seu primeiro capítulo ter citado o Zoroastrismo, será abordado novamente, mas pelo viés do mito do combate.

O Zoroastrismo surgiu entre os iranianos, talvez no II milênio a.E.C., e Zaratustra, o grande profeta. Do nascimento a vida de Zaratustra foram marcados por sinais miraculosos. O Zoroastrismo se tornou a religião oficial do império persa, exercendo grande influência na religião judaica. A religião zoroastra apresenta dois princípios primordiais: Ahura Mazda, deus não criado, da sabedoria, da justiça e do bem; e Angra Mainyu, princípio da falsidade, da desordem, do caos e chefe dos demônios. Ele está presente no mundo material, mas não tem forma física, mas adquire formas, de serpente, de cavalo, do homem e do dragão lendário. Essas duas forças estão em uma eterna guerra cósmica. Os homens podem ser auxiliares desta batalha em duas formas: através de preces e sacrifícios, os quais garantem o ciclo de vida inaugural; a observação de leis de pureza, assim fortalece o mundo ordenado e enfraquece as forças do caos. Animais também estão ao serviço dessas divindades, Angra Mainyu conta com ajuda de insetos como formigas, besouros, gafanhotos; répteis como escorpiões, lagartos, serpentes; animais de rapina como lobos; e um enorme exército de demônios, com a missão de arruinar o mundo “bom” ou a “ordem”. Ahura Mazda tem como aliados: o gado, os seres humanos, os cães e os espíritos dos antepassados ou os heróis mortos, considerado aqueles que protegem os vivos. Ao final dos tempos, haverá uma purificação de todo mal, com julgamento e condenação do mal e dos pecadores, enquanto o bem, haverá uma grande transformação, chamada de “tornar maravilhoso”, e viverão para sempre em paz e harmonia. ³⁶ A tradição do Rig Veda, às margens do rio Indo, tem uma coleção com cerca de mil hinos em sânscrito ³⁷ apresenta o mito do deus Indra, que domina o caos primordial e cria o mundo ordenado, seria um deus guerreiro da tempestade, do raio trovão e da chuva, e descrito da seguinte maneira:

³⁴Tiamat, no acadiano “mar”, figura divinizada e mítica da mãe do céu e da terra, deusa do mar revoltoso (a água salgada), da inércia e do passado que não quer mudança.

³⁵ COHN, Norman. Op. Cit. p. 51 – 83.

³⁶ SCHIAVO, Luigi, 2006. *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2006.. p. 91 – 92.

³⁷Grupo de línguas e dialetos indo-árícos antigos do Norte da Índia, sendo o védico e o sânscrito clássico os mais conhecidos.

Descrito em termos antropomórficos como um gigante com braços e mãos poderosos, boca e garganta vorazes e prodigioso apetite. Eternamente jovem e forte, tormentoso e violento, mas também ardiloso, Indra é um lutador formidável. Move-se em uma carruagem dourada puxada por dois cavalos baixos vigorosos. Ao lançar seu raio dotado de mil dentes, nunca erra o alvo.

³⁸

Indra também é reconhecido como deus da fertilidade. Dotado de mil testículos de uma enorme virilidade, pois dá fertilidade aos campos e às mulheres. Seu feito memorável e primeiro foi libertar, com seu canto, as vacas sagradas aprisionadas na caverna do demônio Vala, dando início sucessivo de auroras. Indra em outro mito, entra em confronto com os sete demônios cujo chefe Vritra ³⁹. Indra é o deus mais novo entre os deuses, seu pai é o céu, sua mãe a terra, que ao nascer logo se separam, dando origem ao céu e à terra. Armado pelo raio e desabrochando a tempestade, após varias proezas, Indra destrói Vritra e Danu, sua esposa, os encarcerando no abismo com outros demônios. Tornou senhor dos deuses, criou o mundo ordenado, libertou as águas cósmicas, formando rios que correm para o mar como os pássaros que retornam ao ninho ⁴⁰. “Por fim, estabeleceu a lei cósmica, Rita ⁴¹, pela qual os deuses cumprem cada um sua função no governo do mundo”. ⁴²

Israel no período monárquico, Iahweh, o deus padroeiro, é idealizado como o cananeu Ba'al e o babilônico Marduk. É deus da chuva, que subjuga as águas cósmicas rebeldes, simbolizada por Raab, Leviatã, dragões ou serpente. Iahweh como Ba'al, lutou contra as águas para submetê-las ao seu senhorio, pode ser encontrada essa descrição nos Salmos: Tu dividiste o mar pela tua força; quebrantaste as cabeças das baleias nas águas. Fizeste em pedaços as cabeças do leviatã, e o deste por mantimento aos habitantes do deserto” (Sl 74. 13,14). Iahweh é visto como o deus da guerra, auxiliando Israel na luta contra os inimigos. No Livro de Juizes, Iahweh tem uma participação como deus da tempestade, que faz cair uma tempestade decisiva para o resultado positivo na batalha, No Êxodo, no qual ele abre as águas do mar para seu povo passar (Cf. 14. 15-31). “Assim, ele se torna Elyon, “o mais elevado”, epíteto antes aplicado só

³⁸ COHN, Norman. Op. Cit. p. 88.

³⁹ Vritra, (limitador, oposição, bloqueio) é imaginado como uma grande serpente enrolada sobre a montanha primordial que contém as águas cósmicas.

⁴⁰ COHN, Norman. Op. Cit. p. 84 – 108.

⁴¹ Rita, seu domínio era universal, sua expressão visível eram os movimentos do sol, da lua e das estrelas. Era também a força que colocava em movimento tudo o que preservava e ampliava a vida: graças a ela, o dia nascia, os rios corriam, cresciam as plantas alimentícias, davam leite as vacas.

⁴² SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 93.

a El. Aos poucos, Jahvé vai se tornando o deus supremo, com características de compaixão pelos indefesos da sociedade”⁴³, seu templo será construído em Jerusalém:

Foi ali que revelou a sua vontade e foi ali que abençoou seu povo. E ele o fazia como rei: vitorioso sobre as do caos, sentado sobre o dilúvio, dominava desde o monte Sião, tal como Marduk a partir do monte Zafon. E continuou a proporcionar segurança e refúgio, agora como defensor de Israel contra aquelas outras forças do caos, as nações inimigas. Por ser o local de sua residência, Sião passou a ser vista como a rocha sagrada. Era o centro e a fundação do mundo ordenado, a expressão suprema de uma ordem estabelecida no céu, precisando, portanto, ser incessantemente defendida contra os agentes do caos. Se fosse capturada, todo cosmos seria reduzido ao caos.

Pela localização e pelos elementos decorativos, o templo era repleto de simbolismo cósmico. Foi erguido sobre uma grande rocha – hoje local é assinalado pelo Domo da Rocha islâmico – e esta rocha foi considerada o ponto fixo em torno do qual, no início, Deus havia formado a terra. Debaixo da rocha estavam as águas subterrâneas, aquelas forças do caos que sempre estavam ameaçando engolfar o mundo ordenado. O templo mantinha tais forças a distância. No interior da construção, as águas primordiais eram representadas por um enorme tanque de bronze, sustentado por doze touros também de bronze. O tanque tinha metade da largura do edifício, ele próprio projetado para representar o mundo ordenado. Os touros e os inúmeros entalhes de palmeiras e romãs simbolizavam a fertilidade do mundo ordenado, enquanto os pilares defronte ao vestibulo provavelmente simbolizavam sua permanência e durabilidade. O templo era de fato percebido como fonte de força e vitalidade divinas, as quais emanavam dele em benefício do povo, os rebanhos e das plantações.

Tal qual os templos mesopotâmicos, o Templo unia o céu e a terra: a soberania celestial de Yahweh refletia-se na soberania exercida a partir de seu trono terreno.⁴⁴

Segundo Schiavo tanto os israelitas, como cananeus, mesopotâmicos e egípcios, a ordem do mundo é indicada por três palavras: i) mishpat, o “julgamento”: designava o domínio de Iahweh como rei, assim a ordem era estabelecida por ele; ii) tsedeq, a “retidão”, ou “retidão”: significa revelar os crimes ocultos e corrigir as injustiças; iii) shalom, o “bem-estar”, a “boa sorte” que abarca todas as áreas da vida humana: prosperidade, fertilidade, vitória, paz e outros. Era fruto do tsedeq.⁴⁵

Entretanto existia também forças perturbadoras (caos ou desordem):

O deserto, que avançava sempre mais e era considerado lugar de demônios, sem leis, habitado por criaturas perigosas, como serpentes, escorpiões, chacais, urubus e hienas. Era o reino do caos e da confusão. E as nações hostil, cujos exércitos invasores eram vistos como monstros do caos, iguais às águas incontroláveis ou ao vento do deserto. Por fim, a morte e a descida

⁴³*Ibidem*, p. 95.

⁴⁴ COHN, Norman. Op. Cit. p. 182 – 184.

⁴⁵ SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 96.

ao Xeol, o “poço”, o mundo dos mortos e do não-retorno, o lugar do esquecimento.⁴⁶

5. 1. A FUNÇÃO POLÍTICA DO MITO DO COMBATE

O mito do combate é um instrumento ideal para legitimação do poder. “A ordem na terra é mantida através do culto aos deuses vencedores que têm direito ao seu próprio templo”.⁴⁷ Em geral os templos estão localizados no alto, numa montanha: Marduk nas ziqqurat babilônicas, Ba'al no monte Zefon, Iahweh no monte Sião. Toda monarquia se identifica e é identificada por seu deus padroeiro. O rei se declarava descendência direta do deus e representa o povo perante os deuses e os deuses perante o povo. Assim, preservando a justiça e a ordem, o rei pedia em troca prosperidade para o seu reinado. As palavras de um faraó do Egito: “(o deus) me criou como aquele que deveria fazer aquilo que ele havia feito e realizar aquilo que ele ordenou que deveria ser feito. Ele me designou pastor dessa terra, pois sabia quem poderia mantê-la em ordem para ele”.⁴⁸

O faraó Ramsés IV⁴⁹ rezava da seguinte maneira ao deus Osíris, de quem se dizia filho:

E tu me darás Nilos majestosos e fecundos, para que possa proporcionar tuas oferendas divinas e proporcionar oferendas divinas a todos os deuses do Sul e do Norte; a fim de manter vivo o povo de todas as tuas terras, seus gados e seus arvoredos, que tua mão formou [...]. E, em minha época, tu ficarás satisfeito com a terra do Egito, tua terra.⁵⁰

Davi o rei de Israel, após ter conquistado Jerusalém e consolidado o seu reinado, tem uma preocupação: construir um templo a Iahweh, o deus padroeiro da monarquia israelita. “A teologia davídica afirma que Jahvé se comprometeu na sua legitimação e garantia eterna descendência do rei-filho no trono israelítico⁵¹”:

⁴⁶*Idem.*

⁴⁷*Ibidem.* p. 97.

⁴⁸COHN, Norman. Op. Cit. p. 28.

⁴⁹Ramsés IV foi o terceiro faraó da XX dinastia do Antigo Egito. Seu nome antes de subir ao trono era Amenherkhepeshef. Ele era o quinto filho de Ramsés III e foi nomeado príncipe herdeiro 22º ano do reinado de seu pai quando todos os seus quatro irmãos mais velhos morreram antes dele.

⁵⁰COHN, Norman. Op. Cit. p. 29.

⁵¹SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 98.

Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade não se apartará dele; como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre (2 Sm 7. 14-16).

No tempo do rei Josias, o templo e o culto a Iahweh se tornou um instrumento de unidade nacional, assim contribuiu para o fortalecimento da identidade do povo e da monarquia. Por esse motivo, que uma das reformas mais importantes de Josias foi a destruição dos templos locais do interior, onde no passado, ali era prestado o culto às divindades cananeias, assim Josias impõe um único culto, culto a Iahweh, em Jerusalém (Cf. 2 Rs 23).

O ritual do sacrifício seria o instrumento de garantia para ordem cósmica e da proteção do deus padroeiro: sua realização regularmente é uma responsabilidade do rei. Tramar contra o rei significava desestabilizar a ordem divina e trazer de volta o caos. Schiavo apresenta o seguinte exemplo:

No Sl 2, essa ideia é expressa na pergunta de Jahvé: “Por que as nações se amotinam, e os povos meditam em vão? Os reis da terra se insurgem, e, unidos, os príncipes conspiram contra Jahvé e contra o seu Ungido?” (vv. 1-2). Na resposta, Jahvé afirma sua relação predileta com o rei: “Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!” (v. 6). Segue a afirmação da eleição de Davi: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade. Tu as quebrarás com um cetro de ferro, como um vaso de oleiro as despedaçarás” (vv. 7-9). No final encerra-se com uma dura advertência aos subversivos: “E agora, reis, sede prudentes; deixai-vos corrigir, juízes da terra. Servi a Jahvé com temor [...]” (vv. 10-12).⁵²

A babilônia em sua cosmovisão, acreditava que a terra estaria rodeada de água por todos os lados, flutuando sobre as águas do abismo e sob ela o firmamento com as águas do céu. A ameaça de inundação é real e constante, como no episódio do dilúvio (Gn 7.11). A monarquia se apresentava como garantia, ou seja, assegurava de uma possível catástrofe como o dilúvio. Schwantes *apud* Schiavo:

A função do culto é de manter este firmamento, acalmando as divindades com templos e sacrifícios. As torres e as zigurates têm esta função precisa: levar os sacrifícios para bem perto das divindades do céu, sol e lua, a fim de que elas mantenham o cosmo e deixem fechadas as comportas. Enquanto o culto imperial funcionasse, o perigo de dilúvio estava afastado. A crise deste culto deixaria irritados os deuses, o que poderia trazer o dilúvio, as enchentes e as catástrofes. Assim sendo, quem contestasse o imperador, quem deixasse de participar do culto, quem “esquecesse” de pagar seus tributos, ameaçava a

⁵²SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 99.

irrupção do caos, o aniquilamento da ordem da natureza. A ordem política imperial era, simultaneamente, ordem natural e cósmica. Rebelar-se contra o império implicava rebelião contra a natureza.⁵³

Assim, pode-se dizer que o mito do combate é uma das formas de autenticar, aqui na terra, o poder e a dominação de impérios e grupos sociais.

6. A BATALHA ESCATOLÓGICA

É a partir do mito do combate, que se deve ser lida e interpretada a estrutura simbólica da batalha escatológica, própria do judaísmo pós-exílico. O duelo cósmico entre forças celestiais se torna, de fato, uma batalha, que caminha para o seu desfecho. O dualismo se torna a chave hermenêutica da história, enquanto a apocalíptica, que neste período vive o seu melhor momento, fornece o instrumentário simbólico à reflexão teológica.⁵⁴

Diante de um nível cósmico, o dualismo se expressava entre dois princípios: o do Bem e do mal, personificados em personagens, como na figura de Miguel e do Diabo, em nível histórico, era refletido a partir da situação de dominação do povo, na falta de liberdade, na exploração de Israel e Judá pelos impérios que os dominavam sucessivamente.

No então o dualismo estava também presente na pessoa humana.

No *Tratado do dois espíritos*, na Regra da Comunidade, importante documento do Mar Morto, afirma-se que “Deus criou o homem para dominar o mundo, e pôs no homem dois espíritos, para que caminhe neles até o tempo de sua visita: são espíritos da verdade e da falsidade” (1 QS 3. 18). Quer dizer: o homem já nasce com essa dualidade, que o acompanhará ao longo de toda a vida.⁵⁵

O dualismo, que pouco a pouco foi se instalando, tornou-se uma verdade. Entre o final do I século a.E.C., os judeus acreditavam que o fim da batalha estivesse próximo, a batalha escatológica, que colocaria frente a frente o enviado de Deus, o Messias e seus adversários: Satanás (Belial ou Mastema) com seus exércitos de demônios. A derrota de Satanás inauguraria o reino definitivo de Deus. Os judeus na época do império romano, acreditavam que o império seria um tipo de encarnação de

⁵³*Ibidem.* p. 99-100.

⁵⁴*Idem.*

⁵⁵*Ibidem.* p. 101.

forças hostis demoníacas. Os levantes populares que ocorreram nesta época, que culminou na guerra de 66 – 70, poderia ter sofrido influência desse idealismo. O grande encontro entre a apocalíptica e movimentos sociais, como os zelotas, poderiam ter efervescido um sentimento nacionalista que culminou a guerra judaica.

A batalha escatológica dentro da literatura apocalíptica tem duas tradições:

A batalha militar, ele tem seu apogeu no Rolo da Guerra, entretanto está presente em outros textos, como em Apocalipse 12. 7-9, aonde descreve uma grande batalha celestial e por fim a derrota de Satanás. Encontramos no Testamento de Moisés⁵⁶, afirma:

Então se manifestará seu reino sobre toda a criação, e o diabo terá seu fim, e a tristeza se afastará com ele. Então será investido o Enviado (Miguel), que está no mais alto e os vingará de seus inimigos. Pois se levantará o Celeste de seu trono real e sairá de sua santa morada inflamado de cólera em favor de seus filhos. Tremerá a terra, até os confins será sacudida, e as altas montanhas serão abatidas e os vales se desfalecerão [...] (10. 1-10).

No Rolo da Guerra diz:

Se enfrentarão para a grande destruição a congregação dos deuses e a assembleia dos homens. Os filhos da luz e o lote das trevas guerrearão juntos pelo poder de Deus, entre o grito de uma multidão imensa e o clamor dos deuses e dos homens, no dia da calamidade (1 QM 1. 10,11).

A batalha legal. Seria uma batalha em um contexto jurídico. Miguel o grande guerreiro celestial, chefe dos exércitos divinos, tem outra função, seria um defensor judicial (Cf. Dn 12. 1), assim como o Filho do Homem de Daniel, o restaurado da justiça, se levanta no meio de um tribunal divino (Cf. 7. 9-10). Na área jurídica, a palavra é a ferramenta pelo qual se dá a contenda.

Na descrição do Messias que encontramos em Is 1,4, diz-se que “ele julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra. Ele ferirá a terra com o bastão de sua boca, e com sopro de seus lábios matará o ímpio”, clara referência ao julgamento final em que o ímpio será destruído.⁵⁷

Palavra e magia estão ligadas uma à outra. O opositor é vencido pela fala, tanto no sentido positivo como no sentido negativo da sedução.

⁵⁶Testamento de Moisés um pseudoepígrafo composto anteriormente ao ano 30 d.E.C.

⁵⁷SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 103.

6. 1. JESUS (MESSIAS), O COMBATE ESCATOLÓGICO PELA PALAVRA

Os textos do Segundo Testamento deixam de forma clara que a figura de Jesus foi interpretada, por seus seguidores, como a encarnação do Messias combatente que se opõe as forças inimigas, no caso o Satanás (Diabo, Belial, Mastema), na batalha escatológica e, destruirá com a força da sua palavra. Será apresentado, em seguida, as passagens com maior indicação para comprovar essa afirmação.

6. 1. 2. O RELATO DA BATALHA ESCATOLÓGICA NA FONTE Q

O texto bem conhecido como “tentações de Jesus” (Q 4. 1-13) sempre complicou os exegetas, pela mistura de elementos como: elementos históricos, simbólicos e visionários. Por esse motivo o texto recebeu as mais variadas interpretações: alguns tem o episódio como um evento histórico, como se tivesse ocorrido na vida de Jesus, o interpretando literalmente; há, por exemplo uma interpretação simbólica e lendária, que o interpreta como uma parábola sem fundamento histórico e seria apenas didático; por fim, uma interpretação intermediária, que se trata de uma experiência realmente verídica na vida de Jesus, mas foi expressa através de uma linguagem fantasiosa.

Pela complexidade do texto fica difícil atribuir esse jogo de detalhes fantásticos à imaginação de toda uma comunidade popular. Trata-se provavelmente de uma precisa composição literária, dominada pela reflexão teológica.⁵⁸

Será apresentada a tradução de Q 4. 1-13 de Luigi Schiavo, em negrito indica a possível reconstrução do original da fonte Q, com os acréscimos da tradição lucana:

1. **Jesus**, pois, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e **foi elevado no espírito numa situação de deserto**
2. **quarenta dias ficou sendo tentado pelo diabo** e não comeu nada naqueles dias; e tendo chegado ao fim deles teve fome.
3. **Disse-lhe** então o diabo: “**Se és Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão**”.
4. **E respondeu contra ele Jesus: “Está escrito: não só de pão o homem viverá”.**
5. **E tendo-o levado, mostrou-lhe todos os reinos** da terra habitada num momento de

⁵⁸SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 108.

tempo.

6. **E disse-lhe o diabo: “Darei a ti todo este podere a glória deles,** porque a mim foi entregue e a qualquer um, se eu quiser, o dou.
7. Tu, portanto, se **prostrares perante mim,** será todo teu”.
8. **E, respondendo, Jesus lhe disse: “Está escrito: tu adorarás o Senhor teu Deus e a ele só servirás”.**
9. **Levou-o então a Jerusalém e o pôs sobre a parte mais alta do templo e lhe disse: “Se és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo:**
10. **está, pois, escrito que será ordenado aos teus anjos sobre ti** que te protejam
11. **e que sobre as mãos te carregarão, para que não tropece em alguma pedra o teu pé”.**
12. **E respondendo mais alto, disse-lhe Jesus: “Está escrito: não tentarás o senhor teu Deus”.**
13. **E tendo terminado toda tentação o diabo retirou-se dele.**

A partir desta tradução, será proposto mais uma interpretação do texto anterior. Q 4, 1-13 poderia ser atribuído como gênero literário “viagem pela terra”, uma subcategoria da viagem celestial ou viagem extática.⁵⁹ Isso está explícito no uso do termo técnico do êxtase religioso (egeto en to pneumatí), seu significado é “ser levado, transportado em espírito, arrebatado”.⁶⁰ É evidente que não tem nada a ver com o Espírito Santo que transporta Jesus, como foi interpretado e traduzido. Aqui o texto está diante de uma experiência espiritual, interna, vivida por Jesus, um genuíno êxtase, relato resumidamente nesse texto. Consequentemente, também no deserto relatado no texto (em termo, “no deserto”) não é um indicativo para uma região desértica, mas uma situação de repleta solidão, necessária para que haja o êxtase. Q 4.1 não traz, elementos históricos e geográficos, e sim aponta para uma experiência mística e extática. Sua tradução correta seria esta: “Jesus foi levado no espírito numa situação de deserto”.⁶¹ Em seguida é apresentado o relato da visão, das três investidas de Satanás. Alguns elementos simbólicos no relato da tentação (Q 4, 1-13) que corroboram com para o gênero literário “viagem celestial”: a santidade do viajante (Jesus), o ritual de preparação da viagem (o jejum, solidão), o arrebatamento, o desaparecimento (os 40 dias no deserto), a subida para o céu, o acompanhamento por um anjo (Satanás era pela

⁵⁹SCHIAVO, Luigi. *A batalha escatológica na Fonte dos ditos de Jesus. A derrota de Satanás na narrativa da tentação (Q 4.1-13)*. São Bernardo do Campo, Umesp, 2003. p. 82-116.

⁶⁰SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 109.

⁶¹*Ibidem*. p. 110.

tradição, um anjo caído), a visão (no caso, dos reinos terrestres), a volta à terra. Não há dúvidas de que o acontecimento relatado no texto seja uma experiência visionária, muito parecida com àquelas dos visionários apocalípticos.

A visão de Q 4. 1-13 é o conteúdo sua enorme novidade: dois seres sobre-humanos lutando e desafiando um ao outro. De um lado, Satanás, o opositor escatológico; do outro Jesus que, até então por ser entendido como a encarnação da figura do anjo-chefe (Miguel, Melquisedec, ou o Filho do Homem). Satanás questiona a identidade de Jesus como Filho de Deus, por duas vezes (Q 4. 3.9), através de dois sinais de conteúdo messiânico: o opositor está sem dúvida testando o seu poder, através de esconjuro (a repetição do nome do adversário), tentando neutralizá-lo. Sem dúvida alguma, o ponto mais alto da contenda é, o poder sobre os reinos. Na visão, os reinos, o poder e a glória pertencem a Satanás, pois é ele quem pode dar a Jesus, em troca de seu próprio culto (Q 4. 5-8). As viagens celestiais têm como finalidade a visão do trono de Deus e sua adoração, aqui, relata-se o trono do Diabo que exige sua adoração.

Segundo a crença judaica, Deus dominava os, céus, enquanto ao Diabo, depois de sua queda, fora reservado o domínio do firmamento e da terra: “Fora do âmbito dos sete céus, está o primeiro firmamento, onde residem as potestades que exercem sua atividade sobre os homens” (evangelho apócrifo de Bartolomeu 4, 30), podendo interpretar as potestades como forças negativas (provavelmente os demônios). Também na Ascensão de Isaías (8,29) o firmamento é o lugar onde mora o Príncipe deste mundo, o poder do mal e da discórdia, marcado por combates sangrentos, “o reino da carnificina e das obras de Satã, da disputa e da discórdia” (7,9), numa palavra “o mundo das dores” (7,12). O mesmo poder de Satanás sobre a terra se expressa também em Ap 12 – 13.⁶²

O real objetivo da contenda entre Jesus (o Messias), e seu opositor (Satanás), é o senhorio do universo, entretanto Jesus afirma que só Iahwé é Senhor, assim Jesus anula as pretensões diabólicas.

As três investidas satânicas, tem uma estrutura concêntrica, na qual a primeira e a terceira seriam literalmente uma inclusão, tendo no centro a afirmação mais importante: a visão do trono, da glória e do culto que deve ser oferecido ao senhor da história. Schiavo apresenta o seguinte esquema:

- Pergunta sobre identidade e proposta de transformar pedra em pão;
- Visão do trono, da glória, do culto;

⁶²SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 111-112.

- Pergunta sobre a identidade e proposta de pular do templo.⁶³

As três investidas apontam para as três áreas da atuação específica de Satanás: a sedução mágica, o poder militar e a falsa religião. No mito da expulsão dos anjos vigilantes do céu para terra, o Primeiro Livro de Enoque faz a seguinte afirmação:

Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los. Vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso de cosméticos, o embasamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas. E assim propagava-se uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziam aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos. Semjaza ensinava os encantamentos e as poções de feitiços, Barakijal, a astrologia, Kokabel, a ciência das constelações, Ezekeel, a observação das nuvens, Arakiel, os sinais da terra, Samsiel, os sinais do sol e Sariel, as fazes da lua (1 Enoque 8).

A arte da guerra (poder político), a sedução sexual (bracelete e embelezamento do corpo) e a religião mágica (encantamentos, feitiço e astrologia) esses males são atribuídos aos anjos que se tornaram demônios. Apesar das palavras serem diferentes, essas três referências estão contidas no Documento de Damasco (século I a.E.C.) na imagem das redes de Belial⁶⁴:

São três as redes de Belial, sobre as quais falou Levi, filho de Jacó, nas quais captura Israel e as faz aparecer diante deles como três espécies de justiça. A primeira é fornicação; a segunda, a riqueza; a terceira, a contaminação do templo. O que escapa de uma é capturado na outra, e o que é resgatado desta é capturado na outra (CD 4. 15-19).

Na Ascensão de Isaías,⁶⁵ a atuação de Belial é referenciada na figura do imperador Nero⁶⁶, também é apresentado nos mesmos três âmbitos: sinais prodigiosos, culto próprio e a mesa, talvez uma alusão ao sacrifício no templo:

Belial, o grande anjo, o rei deste mundo desde a sua criação, Belial, digo eu, descerá do seu firmamento sob a forma de um homem e de um rei ímpio, assassino da própria mãe, de um rei deste mundo. E ele arrancará, do meio dos doze apóstolos, a planta que eles criaram, e ela cairá em suas mãos. E com este anjo Belial, com este rei ímpio, virão todas as potências deste mundo que farão todas as suas vontades. A seu comando, brilhará no meio das trevas da noite e a lua aparecerá na décima primeira hora. E ele, neste

⁶³*Ibidem.* p. 112.

⁶⁴*Ibidem.* p. 113.

⁶⁵Ascensão de Isaías, apócrifo do Primeiro Testamento com interpolações cristãs, composto provavelmente entre o século I e II d.E.C.

⁶⁶Nero Cláudio César Augusto Germânico (em latim *Nero Claudius Cæsar Augustus Germanicus*; Anzio, 15 de dezembro de 37 d.C. — Roma, 9 de junho de 68), foi um imperador romano que governou de 13 de outubro de 54 até a sua morte, a 9 de junho de 68.

mundo, terá o que quiser e insultará o Bem-amado e todo homem, neste mundo, acreditará nele. Oferecer-lhe-ão sacrifícios e dirigir-lhe-ão um culto de adoração, dizendo: “Ele é Deus, o único, e não há nenhum outro”. E a maioria dos que se reuniram para receber o Bem-amado se voltarão para Belial, cujo poder será exercido através de prodígios nas cidades e nos campos. E em todo lugar ser-lhe-á posta a mesa. E o seu domínio será de três anos, sete meses e vinte sete dias. [...] E após trezentos e trinta e dois dias, o Senhor virá com seus anjos e as santas potências do sétimo céu; ele virá no esplendor do céu, e precipitará na Geena Belial e seus anjos (Asc. Is 4. 2-14)

O mesmo pode ser encontrado no livro do Apocalipse, na descrição do Dragão e das Bestas do Apocalipse (Ap 12-13).

Em síntese: o poder do Diabo se dá nos três âmbitos que lhes são atribuídos, e que estão no relato Q 4. 1-13: a sedução pelo maravilhoso (transformar a pedra em pão), a religião mágica (pular do templo) e o poder cultuado. O Diabo desafia o Messias em seu próprio campo, entretanto acaba sendo derrotado.⁶⁷

Se Satanás desafia Jesus como Messias celeste referente ao domínio sobre a terra, significa que estamos diante de uma batalha escatológica. Q 4. 1-13 é um relato sintético, da batalha escatológica, Jesus é o agente celestial enviado por Iahwé para derrotar seu opositor (Satanás, Belial, Mastema).

⁶⁷SCHIAVO, Luigi, 2006. Op. Cit. p. 114.

8. CONCLUSÃO

O mal é uma realidade presente no imaginário social e religioso de qualquer agrupamento social, sendo manifestado de diversas formas e em vários lugares, assumindo significados, representações e personificações dentro de contextos sociais e históricos específicos. Não seria realidade alheia dentro da religiosidade judaica, que gerou narrativas para expressar e sistematizar o mal.

A teologia do Primeiro Testamento é marcada pelo monoteísmo, deixando claro que todos os poderes e todo o querer emanam de Iahweh. Não existe a possibilidade, nessa cultura, de outras divindades ou espíritos, ainda que tenham menor poder, de se manifestarem. Se tudo é atribuído a Iahweh, ele se torna o criador do bem e do mal. Iahweh assume as afeições demoníacas, assim como se fundem em Iahweh os limites entre os seres celestiais e demoníacos.

Esse pensamento reconfigura-se quando os judeus nos exílios babilônico e persa incorporam novos valores religiosos – rompe-se com o mal proveniente de Iahweh. No período inter-bíblico continua o processo de transformação da visão sobre o conceito de seres celestiais, que gerou um dualismo – guerra cósmica entre o bem [Deus] e o mal [Satã]; cabe aos seres humanos fazerem a opção.

Esse trabalho monográfico torna-se relevante, pois entende que ao se fazer teologia precisa-se levantar o maior numero de informações sobre o que se estuda, elementos tais como: história, cultura, economia, política, língua, literatura etc. Foi dessa forma que construímos esse trabalho – transdisciplinar e de busca a fidelidade ao texto.

Nesse sentido, foi promovido um diálogo entre textos canônicos da matriz religiosa judaico-cristã com textos de outros povos, e, por conseguinte, de outras matrizes religiosas.

Cabe destacar, que nesse processo de interações culturais, quando os judeus tiveram seus exílios, incorporaram diversos elementos sobre o pensamento religioso, fato fundamental para a compreensão de como se estruturou as bases de dogmas e princípios teológicos judaicos e cristãos.

Esse trabalho foi um marco teológico em minha perspectiva de análise da narrativa bíblica. A fé (espiritualidade) e ciência são elementos que não se contradizem, ao contrário, se somam.

O mal é um tema amplamente estudado, por todos os povos e culturas. Em

muitas construções sociais sobre esse tema, o pensamento religioso adentra, praticamente em todas as esferas sociais. Nesse ponto, estudar o mal não se restringe a trabalhos acadêmicos, mas também entender como eles são operacionalizados, para daí buscarmos ferramentas de combatê-lo.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

OTZEN, Benedikt. O judaísmo na Antigüidade. A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano. São Paulo: Paulinas, 2003.

PAGELS, Elaine. As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RODRIGUES, Claudio J. A. (Trad.) Apócrifos e Pseudo-Epígrafos da Bíblia. São Paulo: Editora Novo Século, 2004.

KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento. 1. História, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.

JOSEFO, Flavio (GODOY, A.C., Trad. e Adap.). Guerra dos Judeus. Livro II. 6a. Tiragem. Curitiba: Juruá Editora, 2008.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.

COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: as Origens das Crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias Religiosas – Tomo II – Vol. 2*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

LAMAS, Maria. *Mitologia Geral: o Mundo dos Deuses e dos Heróis (vol.V)*. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1973.

MACHO, Alejandro Diez. *Apócrifos Del Antiguo Testamento I: Introducción General*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.

MACHO, Alejandro Diez.*Apócrifos Del Antiguo Testamento V.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.

MACHO, Alejandro Diez.*Apócrifos Del Antiguo Testamento II.* Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983.

STANFORD, Peter.*O Diabo: Uma Biografia.* Rio de Janeiro: Gryphus, 2003. 412p.

BULFINCH, Thomas.*O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

LAZARINI NETO, Antonio. *Messias Exorcista: Combate aos Espíritos Imundos e a Estrutura do Evangelho de Marcos (Exegese de Mc 1.21-28).* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2006.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F.*O Diabo no Imaginário Cristão.* Bauru, EDUSC, 2000.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico: A vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994.

SCHIAVO, Luigi. *A batalha escatológica na Fonte dos ditos de Jesus. A derrota de Satanás na narrativa da tentação (Q 4.1-13).* São Bernardo do Campo, Umesp, 2003 (tese de doutorado: inédita).

_____. *A Apocalíptica Judaica e o Surgimento da Cristologia de Exaltação na Narrativa da Tentaçao de Jesus (Q 4.1-13).* Revista Oráculo – número 1(2005), p. 1-56.

_____. *2000 Demônios na Decápole: Exegese, História, Conflitos e Interpretações de Mc 5.1-20.* São Bernardo do Campo, 1999, Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.

_____. *O mal e suas representações simbólicas. O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia. In: Apocalíptica e as Origens Cristãs. Estudos da Religião n. 19, ano XIV. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2000. p. 65-83*

_____. *Anjos e messias: messianismos judaicos e origem da cristologia. São Paulo: Paulinas, 2006.*

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém.*
Trad. Vicente Pedroso. CPAD, 2000.